

## Espaços cruzados: um jogo entre metrópole e colônia

Profa Ms. Ludmila G. Ribeiro de Mello<sup>1</sup> (IPESU)

### Resumo:

*Este trabalho versará sobre dois romances do século XX, *The buccaneers* (1937) e *Desmundo* (1996), escrito por mulheres, respectivamente, Edith Wharton e Ana Miranda. As duas obras citadas são marcadas pela "viagem" inversa de suas protagonistas, uma vez que Oribela, em *Desmundo*, deixa Portugal para se estabelecer nas terras pertencentes à metrópole, o Brasil; enquanto as jovens protagonistas de *The buccaneers* "invadem" Londres, saídas da "colônia". Assim, pretende-se mostrar a configuração do espaço e a importância desse nas obras citadas.*

**Palavras-chave:** romance histórico, *Desmundo*, *The buccaneers*, espaço.

### Introdução

Como em outros gêneros literários, o espaço é uma categoria de grande importância nos romances históricos, pois serve de plano de fundo às ações das personagens chegando, muitas vezes, a determiná-las. O romance *Desmundo* (Ana Miranda - 1996) tem sua história compreendida na era colonial brasileira e possui como foco da trama a vinda de Oribela, uma órfã portuguesa, ao Brasil para desposar e povoar a nova terra. Já em *The buccaneers* (Edith Wharton - 1937), Annabel deixa a provinciana Nova Iorque do século XIX para conquistar a capital da Inglaterra. O espaço é transformado em **ambiente** quando esse projeta os conflitos vivenciados pelas personagens e pode passar, muitas vezes, a ser uma representação simbólica. Compreender essa representação ajuda a desvendar uma narrativa. Há na obra da escritora americana um processo inverso ao que ocorre em *Desmundo*, uma vez que Oribela deixa Portugal para se estabelecer nas terras que pertencem à metrópole, o Brasil; as jovens protagonistas de *The buccaneers* "invadem" Londres, saídas da "colônia". Assim, pretende-se mostrar a configuração do espaço e a importância desse nas obras citadas.

### 1 A chegada ao desmundo: o espaço na obra de Ana Miranda

O espaço e o tempo são fatores de grande importância nos romances históricos, pois servem de plano de fundo às ações das personagens caracterizadores de objetos e épocas chegando, muitas vezes, a determiná-las.

O romance **Desmundo** tem sua história compreendida na era colonial, na qual os valores sociais estavam ainda muito ligados ao europeu. A igreja, pais e maridos pretendiam controlar a sexualidade feminina, "o fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e portanto cabia a ele exercer a autoridade" (ARAÚJO, 2000, p. 45-46). E é nesse espaço e época repressores que Ana Miranda busca constituir suas personagens e formar a ação.

Em **Desmundo**, a anacronia do romance é formada por analepses, pois Oribela conta-nos sua história que ocorre em um tempo diferente ao da narração. Essa se dá no passado em relação ao momento da fala da protagonista. Além disso, a narrativa é, a todo momento, interrompida para ser preenchida por lembranças anteriores àquele trecho da história, como sua vida em Portugal. É através dessas lembranças que reconstruímos o *espaço da metrópole*, onde ela nasceu e viveu até o momento da partida à colônia.

O cais inçado de gente que nos olhou partir e deu adeus, o choro das mulheres e a bênção do da rainha, o vulto da cidade dando adeus, as pedras dando adeus, os paços dando adeus (...). (*Desmundo*, p. 16)

A secar panelas no mosteiro encontrava eu com a dona Bernardinha, irmã de Tareja e Giralda, a morta, filhas de pai rico em Coimbra (...). (*Desmundo*, p. 90)

A narração de Oribela começa pela chegada ao Brasil. Nessa ocasião, relembra o adeus na praia, antes da partida ao mundo novo e se recorda da vida no mosteiro em Portugal; marcando,

dessa maneira, uma narrativa psicológica, que está voltada para “os estados interiores das personagens ou do narrador” (MESQUITA, 1994, p. 34), criando assim não só um espaço, mas um ambiente que é apresentado unicamente pela visão da narradora-personagem Oribela.

Todo o espaço em **Desmundo** constitui-se através da visão dessa narradora, portanto o olhar da personagem é que constitui o mundo que lemos nas páginas do romance. Além disso, a ordem da narrativa e os espaços escolhidos para serem descritos dependem totalmente de suas emoções; ora cita lugares aprazíveis, ora sente-se enojada dos lugares por onde passa. Por essa razão, a narrativa é composta por uma ambientação reflexa, na qual “as coisas, sem engano possível, são percebidas através das personagens”. (DIMAS, 1994, p. 20)

A vista de uma colina distante tangeu dentro do meu coração música de boas falas, com doçainas e violas dárco, a ventura mais escondida clareia a alma. Ali estava bem na frente à terra do Brasil, eu via pelos estores treliçados, lustrada pelo sol que deitava. (Desmundo, p. 11)

Um as povoações não fortificadas, não podendo resistir a afrontas, vivendo os moradores tão atemorizados que deixavam suas coisas metidas em sacos para correrem ao mato à vista de qualquer vela, ou para o mar ao grito de um bugre, aldeias e vilas que mal se supunha onde se podia acabar, (...) se ajuntava a selvagens e corria mundo, matando, assacando, sem medo (...). (Desmundo, p.19)

**Desmundo** é o nome que Oribela atribui ao Brasil, terra desconhecida que “guardava” seus medos e suas esperanças.

De bom, só restavam as flores do Mendo Curvo e o mel de suas abelhas. E a tanto me agarrava eu, como se fosse um fio de seda que levasse ao mundo, estando eu no desmundo. (Desmundo, p. 138)

Portanto, o tempo e o espaço se fundem na narração feita por Oribela, sem permitir ao leitor distinguir entre o que seria real e qual seriam apenas as impressões da narradora-personagem.

Ao ambientar a narrativa no século XVI e ao descrever os locais visitados por Oribela, podemos constatar a intenção da autora da obra em resgatar a história de um passado remoto, a da colonização brasileira e o seu difícil começo. Ao traçar um panorama do espaço do Brasil quinhentista, Ana Miranda traz à narrativa, características, regras e costumes de um tempo, marcando o livro como um romance histórico, no entanto, sem a intenção primeira dos criadores desse subgênero, a da fortificação da nacionalidade.

Casas se erguiam por escravos que pilavam nos pilões a taipa, feito tapeiros, arrastavam pedras, batiam martelos e na mesma rua ferreiros trabalhavam em suas bigornas e carpinteiros em seus paus a formar peças de igrejas e outros ornamentos, ou de portais, até telhas de barro se punham num telhado, os outros eram de palhas secas. Metiam de tudo nos pilões de taipa, que pilavam com os pés uns escravos, pedras, paus, cascas, ferros, pregos enferrujados, cacos, fossem as casas de desdicha e quebrantos. (Desmundo, p. 36)

Tocavam os sinos de uma igreja, que havia outra e mais outra, capelas, ermidas, oratórios nas ruas quando se cruzavam, fosse aquele um pedido a Deus, vem, pai nosso, morar neste país. Pobre daquele que crê que Deus provê todas as criaturas, Deus é feito rei que dá suas mercês aos condes e marqueses, Deus aos homens bons e puros. (Desmundo, p. 37)

Manso o mar, descera os baús, os barris, as caixas no desembarcadouro. Içados numas cordas nas gaiolas descera os cavalos e as vacas, mareados, de náusea, que uns iam ao chão logo soltados dos cabos. Bares de pimenta do estreito de Meca e outras drogas sem que o rei tivesse notícia, corjas de roupas, azeite, vinho, ferramentas, mulheres africanas com algemas nas mãos que não traziam no corpo mais

que a pele pregada aos ossos, duas crianças de leite mandadas pelo rei para crescerem línguas conhecedoras das falas dos brasileiros, tudo veio ao terreiro em carros tangidos por boi e cafres muito arduamente terra cima. (Desmundo, p. 38)

Apesar de Oribela ter se estabelecido definitivamente no Brasil, a aceitação do *desmundo* foi difícil para ela desde o começo. Afinal, foi trazida a contragosto à colônia e contra a vontade se casou para povoar esta “terra abandonada por Deus”, como ela mesma afirma. Portugal, no século XVI, era uma grande potência econômica e cultural, portanto abandoná-la para estabelecer-se em uma terra recém-descoberta é, aos olhos da protagonista, uma imposição da qual ela não gostaria de ter participado.

## **2 De Nova Iorque à conquista de Londres: o espaço em *The buccaneers***

O espaço, como categoria narrativa, pode ser definido como o lugar no qual as ações e a interação entre as personagens ocorrem dentro de uma trama. O espaço pode ser, segundo Antonio Dimas, transformado em ambiente quando esse projeta os conflitos vivenciados pelas personagens e podem passar, muitas vezes, a ser uma representação simbólica. (DIMAS, 1994).

Os espaços escolhidos por Edith Wharton em *The buccaneers* foram dois: Nova Iorque e Londres do final do século XIX. Enquanto Nova Iorque vem representar os EUA daquela época, a capital inglesa apresenta-nos os costumes da Inglaterra, no mesmo período.

A narração onisciente desse romance permite, em vários momentos, a formação de uma ambientação franca, “que se distingue pela narração pura e simples do narrador” (DIMAS, 1994, p. 20). Assim, as várias descrições feitas pelo narrador permitem ao leitor identificar os espaços nos quais a história acontece.

*The thermometer stood over ninety, and a haze of sun powdered dust hung in the elms along the street facing the Grand Union Hotel, and over the scant triangular lawns planted with young firs and protected by a low white rail from the depredations of dogs and children. (The buccaneers, p. 3)*<sup>1</sup>

*When Colonel St. George bought his house in Madison Avenue it seemed to him fit to satisfy the ambitions of any budding millionaire. (...) and Mrs. St. George had already found out that no one lived in Madison Avenue, that the front hall should have been painted Pompeian red with a stenciled frieze, and not with naked Cupids and humming-birds on a sky-blue ground, and that basement dining-rooms were unknown to the fashionable. (The buccaneers, p. 50)*<sup>2</sup>

Há também, na narrativa de Edith Wharton, o uso do espaço simbólico. Guy Thwarte ao apaixonar-se por Annabel descobre que para viver seu amor por ela terá que abandonar outra coisa que preza muito: a propriedade da família e a companhia de seu pai. Guy e Nan precisam sair da Inglaterra para que possam viver o amor que os une, pois ela necessita fugir do marido, o Duque de Tintagel. Guy, ao sair de Londres, deixará para trás sua carreira política e a propriedade da família, na qual os Thwarte vivem há oito séculos e que fica nas terras do ducado dos Tintagel. Sir Helmsley, pai de Guy, não aceita que ele abandone sua honra em nome do amor, pois sabe que não poderá voltar à casa da família depois que partir com a ex-duquesa. Metaforicamente, a propriedade da família Thwarte chama-se *Honourslove*. E é assim que Guy se sente, dividido entre a honra e o a-

---

1 O termômetro permanecia acima dos trinta graus, e uma bruma de poeira ensolarada pairava sobre os álamos ao longo da rua em frente ao Hotel Grand Union, e sobre os poucos gramados triangulares com jovens abetos plantados e protegidos da depredação dos cachorros e das crianças por uma cerca branca e baixa.

2 Quando o coronel St. George comprou a casa da Avenida Madison, ela parecera-lhe própria para satisfazer as ambições de qualquer milionário novato. (...) e a sra. St. George já descobrira que ninguém morava na Avenida Madison, que a sala da frente deveria ter sido pintada de vermelho-pompéia, com um friso desenhado, e não com cupidos nus e beija-flores num fundo azul-celeste, e que salas de jantar no porão eram desconhecidas para as pessoas da moda. (tradução livre)

mor, uma situação “clássica” na literatura ocidental, do *El Cid* ao *Macunaíma*. O espaço sempre tem papel importante nessas hesitações.

*“Well”, Nan said, “you must not go away. I am going back to America. Do you think I would let you sacrifice Honourslove? I know what it is to you!”*

*Guy took her shoulders and looked down into her flushed determined face. “I would give it up for you – I was going to - but now I hope I shan’t need to. Do you remember when we talked about that Cavalier poem, on the terrace, years ago? ‘I could not love thee, dear, so much, Loved I not honour more?’ In the last few weeks – you can’t how insane I’ve been – it’s turned itself round in my head: ‘I could not love Honourslove so much, Loved I not Annabel more’. It’s monstrous poetically; but everything I care about in Honourslove is in you too. If you were with me, I’d have it with me. Whereas if I were there without you, knowing you were with him, and unhappy...” (The buccaneers, p. 382 - 383)<sup>3</sup>*

Quando Nan é levada a Londres, em busca de aceitação social, vê na capital inglesa um prelúdio de (auto)conhecimento e felicidade, afinal a Inglaterra é “rica em história”. Annabel sentia-se sufocada pela “atmosfera mesquinha e elitizante” de Nova Iorque e julga encontrar em Londres uma nova realidade.

*At night, despondently gazing from her bedroom window at roofs and treetops and stars, Annabel thought of the New York hotels she and Jinny had grown up in. Of Saratoga. Conchita’s wedding. The steamer and the low undistinguished New York skyline receding as her heart leapt toward the storied beauty she would find in England. And of the myriad changes wrought by a single journey. (The buccaneers, p. 375)<sup>4</sup>*

Observa-se, portanto, que Annabel deixou Nova Iorque para estabelecer-se definitivamente em Londres, lugar em que julgava poder realizar-se como pessoa, uma vez que a Inglaterra do século XIX era rica em histórias, poesia e “passado” como nos afirma Nan. Ela “amadurece” na capital inglesa, lá se casa e lá conhece o verdadeiro amor. Não sente saudades de sua terra natal, não deseja retornar à “colônia” para buscar a felicidade como ocorre com Oribela, por exemplo. Nan e suas companheiras conquistam a aristocracia inglesa e na “metrópole” tornam-se donas de seus sonhos, as bucaneiras.

## Conclusão

Constata-se que há na obra da escritora americana um processo inverso ao que ocorre em *Desmundo*, já que enquanto Oribela deixa Portugal para se estabelecer nas terras da metrópole, o Brasil; as jovens protagonistas de *The buccaneers* “invadem” Londres, saídas da “colônia”. Portan-

---

3 “Bem”, disse Nan, “você deveria ir embora. Eu estou voltando para a América. Você acha que eu deixaria você sacrificar Honorslove? Eu sei o que significa para você!”

Guy pegou-a pelos ombros e olhou para seu rosto corado e decidido. “Eu desistiria por você... Eu ia fazer isso... mas agora espero que não precise. Você se lembra quando conversamos a respeito daquele poema, no terraço, anos atrás? ‘Eu não poderia te amar, querida, tanto, se não amasse mais a honra’. Nas últimas semanas... você não pode imaginar como eu estava insano... ele virou ao contrário a minha cabeça: ‘Eu não poderia amar Honorslove tanto se não amasse mais Annabel’. Poeticamente é monstruoso; mas tudo o que importa em Honorslove está em você também. Se você estiver comigo, terei tudo. Enquanto que se eu estiver lá sem você, sabendo que você está com ele, e infeliz...”

4 “À noite, olhando desanimada da janela de seu quarto de dormir para os telhados, o cume das árvores e as estrelas, Annabel pensou nos hotéis de Nova Iorque onde ela e Jinny cresceram. Em Saratoga. No casamento de Conchita. No navio, e na linha do horizonte baixa e pouco nítida de Nova Iorque, recuando enquanto seu coração pulava em direção à beleza lendária que encontraria na Inglaterra. E nas infinitas mudanças trazidas por uma única viagem”. (tradução livre)

to, enquanto Oribela é trazida ao desmundo, Annabel e suas amigas conquistam o “velho mundo”, a ponto de serem nomeadas bucanieras.

Por que me mandou Deus para tal fim? Todo o meu mundo esvaeceu, estava eu en-doidando, dormindo, sonhando? (Desmundo, p. 213)

*Mrs. Robinson Sat motionless, fixedly gazing at the tea-cup – the dagger, as it were – in the air before him, held by his forgetful hand. His mind rapidly reviewed the plunder, pillage, sack, and rapine of his native land throughout the course of history. First, the Romans had come. Then the Angles, Jutes, and Saxons. Then the Danes terrorized England for three centuries. Norman pirates took the country over 1066. Five centuries later Turks raided the Thames and took prisoners to sell in the Libyan slave-market... But never had there been any phenomenon to match this, this – he recalled an article – this “invasion of England by American women and their chiefs of commissariat, the silent American men...” (The buccaneers, p. 403 - 404)*<sup>5</sup>

Ao descrever o Brasil como **desmundo**, é possível perceber que Oribela vive na colônia por obrigação e como vimos, sente saudades de seu país de origem, Portugal. O mesmo não ocorre com Annabel. A ida a Londres faz com que ela conheça um lugar que a faz feliz, que a enche de entusiasmo.

(...) chegamos a um novo país com o coração em júbilo, mas de dúvida e receio, para povoar um despejado lugar. (Desmundo, p. 16)

*It was not the atmosphere of London but of England which had gradually filled her veins and penetrated to her heart. She thought of the thinness of the mental and moral air in her own home: the noisy quarrels about nothing, the paltry preoccupations, her mother’s feverish interest in the fashions and follies of a society which had always ignored her. At least life in England had a background, layers and layers of rich deep background, of history, poetry, old traditional observances, beautiful houses, beautiful landscapes, beautiful ancient buildings, palaces, churches, cathedrals. (The buccaneers, p. 253)*<sup>6</sup>

É possível perceber que em *The buccaneers*, assim como em **Desmundo**, o espaço possui bastante importância dentro do contexto narrativo, uma vez que o fato da emigração de Annabel à Inglaterra é que determinou seu futuro e o de outras personagens. Os espaços do “novo” e do “velho” mundo opõem-se nos dois romances e produzem efeitos diferentes, pois são invertidos geográfica e literariamente.

---

5 O Sr. Robinson estava sentado, imóvel, olhando fixamente para a xícara de chá - como se ela fosse uma adaga – no ar diante dele, segurada pela sua mão desatenta. Sua mente revia com rapidez o roubo, a pilhagem, o saque, a rapinagem da sua terra natal através do curso da história. Primeiro vieram os romanos. Depois os anglos, os jutos e os saxões. A seguir os dinamarqueses aterrorizaram a Inglaterra por três séculos. Os piratas normandos tomaram país em 1066. Cinco séculos depois, os turcos atacaram de surpresa pelo Tâmis e fizeram prisioneiros para vender no mercado de escravos da Líbia... Mas nunca houvera nenhum fenômeno que se comparasse a este, a esta (ele se recordava de um artigo) a esta “invasão da Inglaterra por mulheres americanas e seus chefes de comissariado, os silenciosos homens americanos.”

6 Não era a atmosfera de Londres, mas sim a da Inglaterra, que gradualmente enchia suas veias e penetrava em seu coração. Pensava na fragilidade do ar moral e espiritual do seu próprio lar: brigas barulhentas a respeito de nada, preocupações mesquinhas, o interesse febril de sua mãe nas modas e nas loucuras da sociedade que a ignorou. Pelo menos a vida na Inglaterra tinha uma base, camadas e camadas de profunda base, de história, poesia, de velhos preceitos tradicionais, belas casas, belas paisagens, belas construções antigas, palácios, igrejas e catedrais. (tradução livre)

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Ed. UNESP e Contexto, 2000.
- [2] DIMAS, Antonio. Espaço e romance. São Paulo: Ática, 1994.
- [3] MESQUITA, Samira N. O enredo. São Paulo: Ática, 1994.
- [4] MIRANDA, Ana. Desmundo. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- [5] WHARTON, Edith; completed by Marion Mainwaring. The buccaneers. New York: Penguin Book, 1993.

---

## **Autora**

<sup>1</sup> Ludmila G. Ribeiro de Mello, Profa. Ms.  
Instituto Paulista de Ensino Superior Unificado (IPESU)  
profaludmello@ig.com.br